



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana  
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo  
ISSN 1809 - 709 X

## **Clínica, psicopatologia e laço social hoje**

**Douglas Nunes Abreu**

Orcid: [0000-0002-8548-7158](https://orcid.org/0000-0002-8548-7158)

Professor no Departamento de Psicologia – DPSIC da Universidade Federal de São João del-Rei / UFSJ (Minas Gerais, Brasil)

Doutor em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro / UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)  
Pesquisador do NUPEP – Núcleo de Pesquisa e Extensão em Psicanálise da Universidade Federal de São João del-Rei / UFSJ (Minas Gerais, Brasil)

Membro Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana / ISEPOL (Rio de Janeiro, Brasil)

E-mail: [dnabreu@ufsj.edu.br](mailto:dnabreu@ufsj.edu.br)

---

**Resumo:** Procuramos debater algumas perspectivas da clínica contemporânea e do campo da psicopatologia no contexto do laço social hoje, tomando como base as mudanças conceituais em Jacques Lacan sobre o Nome-do-Pai e as incidências sobre a noção de suplência no seu último ensino. Entendemos que a renovação da clínica em Lacan revigora a psicopatologia na lógica borromeana e orienta a prática do psicanalista na clínica do Real.

**Palavras-chave:** Psicopatologia; Nominación; Nomes-do-Pai; Suplência; Estabilização.

---

**Clinique, psychopathologie et lien social aujourd'hui:** On cherche à débattre de certaines perspectives de la clinique contemporaine et du domaine de la psychopathologie dans le contexte du lien social aujourd'hui. On l'examine à partir des changements conceptuels de Jacques Lacan autour du Nom-du-Père et des incidences sur la notion de suppléance dans ses dernières études. On comprend que la rénovation de la clinique de Lacan revigore la psychopathologie dans la logique borroméenne et guide la pratique du psychanalyste dans la clinique du Réel.

**Mots clés:** Psychopathologie; Nomination; Noms-du-Père; Suppléance; Stabilisation.

---

**Clinic, psychopathology and social bond today:** In this study, we discussed some perspectives of contemporary clinic and psychopathology field in the current social bond context, based on Jacques Lacan's concept changes regarding the Name-of-The-Father and the incidences of s replacement notion in his last teaching. We understand that clinic reformulation in Lacan invigorates the field of psychopathology in Borromean logic and guides psychoanalysts' practices in the clinic of the real.

**Keywords:** Psychopathologie; Nomination; Noms-du-Père; Replacement; Stabilization.

## Clínica, psicopatologia e laço social hoje

*Douglas Nunes Abreu.*

### Introdução

Na abertura da sessão clínica em Vincennes, no ano de 1977, Jaques Lacan define a clínica psicanalítica como “aquilo que se diz em uma análise” (Lacan, 1977/2001, p. 06). Foi o que Sigmund Freud ensinou ao escutar as histéricas, o que permitiu a ele aprender com elas não apenas sobre seus sintomas, mas também elucidar o inconsciente a partir da estrutura simbólica que organizava o laço social em sua época. Para Lacan (Lacan, 1977/2001, p. 08), a clínica interroga sempre o saber estabelecido, a cada época, a cada caso: a clínica tem a função de interrogar os analistas, interrogar Freud, convocar os psicanalistas a dar provas de suas razões, ontem e hoje. Na ocasião dessa mesma intervenção, Jacques-Alain Miller indaga Lacan sobre a clínica das psicoses, se ela seria orientada pelas mesmas categorias e signos da clínica das neuroses, a saber, a articulação em discurso dos quatro elementos,  $\$, a, S1$  e  $S2$ . Na sequência, Lacan é questionado por Solange Faladé sobre o fim de análise para o psicótico, já que o fim de análise fora apresentado à época como identificação ao *sinthoma*. Para ambas as perguntas a resposta foi contundente: sim, tanto para a psicose e sua inserção no laço social, quanto para o fim de análise – a função do *sinthoma* concerne a todo ser falante (Lacan, 1977/2001).

O psicanalista deve acompanhar a subjetividade de sua época (Lacan, 1953/1998a), por isso ele articulará em certo momento a estrutura do laço social como equivalente à de um discurso ou de um sintoma (Lacan, 1969-1970/1992). Segundo Coelho dos Santos (2010, para. 6): “cada discurso é uma forma particular de laço social, uma defesa contra o real”. As perturbações encontradas nas cidades trazem a expressão da apresentação psíquica no laço social específico de cada época, orientadas pelas discursividades dominantes de seu tempo e espaço. Ao tratar a clínica faz-se necessário testemunhar as manifestações sintomáticas, as desregulações dos corpos, as torções e mudanças nos valores, crenças e hábitos, e, principalmente, os arranjos que permitem um tratamento do excesso pulsional – trabalho de localização do gozo.

O ano de 2021 traz a marca do centenário do texto freudiano intitulado *Psicologia das massas e análise do Eu* (Freud, 1921/2011). Logo na abertura, ao articular as relações entre a psicologia individual e a psicologia das massas, Freud afirma que “o outro é via de regra considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador e adversário, e, portanto, a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social, num sentido ampliado, mas inteiramente justificado” (Freud, 1921/2011, p. 14). Afirmção traduzida por Miller na expressão: “não há clínica do sujeito sem clínica da civilização” (Miller & Milner, 2003/2006, p. 10), e de que um psicanalista não faz “distinção entre a realidade psíquica e a realidade social... realidade psíquica é a realidade social” (Miller & Milner, 2003/2006, p. 10).

Ao investigarmos as novas configurações do imaginário hoje, partimos da hipótese de que o ideal do eu não se constituiria mais como único referencial naquilo que engendra o Nome-do-Pai. Miller e Laurent, no seminário que proferiram em conjunto, intitulado *O Outro que não existe e seus comitês*

*de ética* (Miller, 1997-1998/2005), debateram o estatuto do Outro na civilização contemporânea, indicando que as identificações simbólicas declinaram. O Nome-do-Pai corresponderia à época freudiana; a época lacaniana testemunharia um Outro inexistente, foracluído na cultura, figurando como puro semblante e ampliado em suas múltiplas versões, tempos dos comitês de ética. Coelho dos Santos (2016a) prefere destacar, acompanhando outros autores como Melman (2003), a tese que versa sobre um desmentido banal, generalizado, veemente, como índice do laço social atual. Diante um rebaixamento geral da lei simbólica à norma social, como fato de discurso, o que se verifica são tempos que reivindicam o direito de um Outro para cada um – a qual Outro o sujeito se dirige (Coelho dos Santos, 2016b). Com o pacto simbólico reduzido ao nível do contrato intersubjetivo, ao campo das discursividades, nos encontraríamos hoje regidos por novas normatividades, aquelas advindas da autodeterminação ou geridas e/ou sustentadas nos grupos de pares. Nesse contexto, será que teríamos dado lugar a uma outra modalidade de regulação dos corpos? Onde o universal do sujeito da ciência teria cedido lugar aos interesses de grupos particulares? Como pensar a dimensão da clínica e da psicopatologia hoje? Será que esse movimento de época incidiu sobre as apresentações clínicas que outrora verificávamos a partir das categorias tradicionais da psicopatologia, estruturalmente constituídas – neuroses, psicoses e perversões... e seus tipos? E as singularidades? Como pensar a questão diagnóstica hoje?

### **Despatologização generalizada, grupos monossintomáticos e soluções identitárias**

Se tomarmos as soluções identitárias como um exemplo, verificaremos que as transformações no campo da psicopatologia teriam incidido nas representações sociais relativas ao indivíduo contemporâneo, testemunhando a emergência de grupos identitários organizados a partir de certas patologias. Essa nova modalidade de laço social, típica de nossa sociedade contemporânea, testemunha a ampliação das tribos de iguais, associações organizadas pela vinculação de seus membros não mais por ideais societários, mas sim, pela vertente objetual materializada na insígnia nosológica, por exemplo. Ou seja, o diagnóstico psicopatológico, ao invés de servir de orientação para clínica, funcionaria hoje como marca identificatória, engendrando grupos que se organizam por identificações imagéticas (Abreu, 2017).

Outro exemplo do testemunho que damos na clínica hoje sobre uma série de apresentações inclassificáveis é a proliferação do diagnóstico de *borderline* (Abreu, 2019). Um sistema classificatório sempre responde à cultura de um determinado tempo e espaço, e esse diagnóstico, *borderline*, teria uma importância específica nos Estados Unidos, exatamente por ser uma civilização que cultua o nominalismo, que se renova a cada nova expressão cunhada pela ciência, pelas religiões e pelas mais diversas discursividades tribais. O individualismo democrático americano comporta o direito de não fazer parte de categoria alguma, o direito à exceção (Laurent, 2000). De um lado, os movimentos de despatologização generalizada<sup>1</sup>, onde percebemos que a “generalização dos transtornos mentais se torna, assim, equivalente a desaparecimento dos transtornos mentais” (Ansermet, 2013, p. 3). De outro, um

arranjo psíquico que passa exatamente pelo vínculo imaginário a um significante específico, como encontramos nos grupos monossintomáticos (Recalcati, 2005).

Maleval (2019) destaca o trabalho desenvolvido por Briole e seus colaboradores, acerca da patologia traumática que os levou a concluir que alguns sujeitos, diante a síndrome de repetição traumática, colocavam em primeiro plano o real de um gozo angustiante que encontrou contenção em diversas formas de suplência, tais como: recorrer ao ideal do grupo, identificar-se com uma outra vítima, dedicar-se a uma causa, apoiar-se no imperativo do testemunho para consistir uma borda ao sofrimento, dentre outras. Estas modalidades de suplência teriam em comum o estabelecimento de uma solução identitária que viria a aparelhar o gozo deslocalizado, remediando um ponto de falha na estruturação subjetiva para significantização do trauma (Briole, Lebigot, Lafont, Favre & Vallet, 1994, p. 109).

A clínica contemporânea colocou o analista numa posição de difícil decisão diagnóstica, fruto do desvanecimento do Outro e do enfraquecimento do Nome-do-Pai como índice da estruturação subjetiva. Coelho dos Santos (2002, 2005, 2008b), aponta que as noções de *sinthoma* e de *alíngua* revigoraram a clínica estrutural na perspectiva do real. Quando as manifestações sintomáticas não mais respondem às particularidades das tipologias clínicas, a perspectiva continuísta poderia orientar melhor o analista em sua intervenção. Entretanto, a autora adverte que esta posição não isenta o analista de servir-se do diagnóstico e do fazer clínico da lógica estrutural. O que deveria ser enfatizado seria o modo de gozar do inconsciente como o próprio remédio, marcando a posição do analista como aprendiz de uma língua singular capaz de tecer uma amarração subjetiva e promover o enganche do falasser no laço social.

### **Uma inversão de perspectiva e a clínica do Real**

Rememoração e reminiscência, são termos propostos por Lacan no seminário *O sinthoma* (Lacan, 1975-1976/2007), e que Miller (2006-2007/2010a) esclarece como termos que fazem referência ao novo tratamento dado por ele diante da energética freudiana. Na *Carta 52* (Freud, 1896/1996a), enviada a Fliess, Freud utiliza o termo traços para designar um primeiro momento em que o material captado pela percepção, uma vez inscrito, nunca mais se perde: uma espécie de marca no corpo. Essa espécie de traço será retomada no texto *O inconsciente* (Freud, 1915/1996b), em que Freud utiliza o termo fixação para se referir à afetação do corpo no trauma originário, reminiscência que funcionaria como pólo de atração para os outros traços. Num segundo momento, Freud refere-se ao inconsciente como "lembranças conceituais" correspondentes aos traços fixados, capazes de inaugurar uma série de representantes pulsionais que, num terceiro momento, serão conduzidos à representação verbal e à elaboração de sentido (Freud, 1896/1996a).

No *Projeto para uma psicologia científica* (Freud, 1950[1895]/1996c), Freud mantém a discussão sobre a energética psíquica através da diferença entre repouso e atividade neuronal, que produz um estado de tensão no organismo humano. Esta tensão necessita de uma ação específica realizada por um agente externo para ser eliminada. Essa ação proporciona o que Freud denominou

como experiência primária de satisfação. Diante do estado de desamparo estrutural causado pelo nascimento prematuro do ser humano, os excessos de estímulos geram uma urgência, uma necessidade de redução da tensão, que culmina em alterações no organismo tais como a expressão das emoções, os gritos e inervação vascular. Expressões que não são capazes de aliviar de fato a tensão, fazendo-se necessária a interferência de um agente externo, que executa uma ação específica capaz de restabelecer um equilíbrio ao organismo. Diante do traumatismo, a experiência primária de satisfação abre vias para duas vertentes: o das marcas mnêmicas que serão fontes primárias do simbólico; e, um componente não assimilável (Freud, 1950[1895]/1996c).

A rememoração refere-se à articulação simbólica e a reminiscência ao fora do sentido, ao fora da cadeia simbólica, como nos esclarece Miller (2006-2007/2010a). O inconsciente cunhado por Lacan é da ordem das reminiscências, daquilo que reitera. Coelho dos Santos nos aponta que "o real é o nome que Lacan inventa para o campo da pulsão de morte, afastando-se por meio da invenção de uma nova escrita borromeana da pulsão, da energética freudiana" (Coelho dos Santos, 2008a, p. 117). Segundo a autora, o *Seminário 20* de Lacan (1972-1973/1985c) promove uma inversão: "na primeira formalização, a primazia é do significante que mortifica o gozo, deixando como resto o objeto a" (Coelho dos Santos, 2009, p. 19). Na nova perspectiva, o significante vivifica o corpo a partir da noção de alíngua: "o ponto de partida agora é o gozo de alíngua" (Coelho dos Santos, 2009, p. 19).

Miller (1998b) desenvolve essa mudança de perspectiva no seminário, proferido no Brasil, chamado *O osso de uma análise*. No percurso da análise, verificada a partir do primeiro ensino, estaríamos expostos ao fenômeno da ampliação-significante. Os significantes se encadeariam em outros significantes, através das operações metonímicas e metafóricas, produzindo uma proliferação de sentido. Em oposição, ele nos propõe a operação-redução. Essa operação se desenvolve a partir de duas operações: a repetição do gozo na trama fantasmática e a convergência ao significante mestre que ordena o destino do sujeito. Miller (1998b) propõe uma terceira operação, a operação-avoidance. Trata-se do vazio, da função do nada que se apresenta na análise para além da cadeia significativa e do enquadre da fantasia, ambos referenciados à primazia do simbólico e à lógica do todo. Esta operação, formulada a partir do *Seminário 19* de Lacan (1971-1972/2012), introduz a possibilidade da extração contingencial do Um, de uma redução ao real, ao núcleo do gozo de alíngua.

O conceito de *alíngua* foi cunhado por Lacan na série de seminários proferidos no Hospital *Saint-Anne* publicados com o título *Estou falando com as paredes* (Lacan, 1971-1972/2011), e, de forma concomitante, no seminário *...Ou pior* (Lacan, 1971-1972/2012). O termo *alíngua* representa a busca de Lacan ao mais real do gozo. O neologismo aglutina os efeitos do encontro com a língua materna, o gozo presente na lalação do *infans*. Trata-se da constituição de um léxico lógico singular que fundamenta um saber inédito no uso da fala e condiciona as relações do falasser com a linguagem. Coelho dos Santos (2009), apoiada no seminário de número vinte e três, *O sinthoma* (Lacan, 1975-1976/2007), nos lembra que "o real redefinido como alíngua é excluído da linguagem articulada, embora faça parte, como tudo que é humano, do campo do significante." (Coelho dos Santos, 2009, p. 20).

Lacan (1974) demonstrou que toda língua, por estrutura, é morta mesmo que ainda seja falada. A língua só ganha vida para o falasser quando articulada à alíngua que lhe é própria. Esse uso inédito promove um “princípio de identidade de si para si, e não é alguma coisa que se produza no nível do Outro, mas no nível da lógica”<sup>2</sup> (Lacan, 1974).

Na primeira lição do seminário sobre James Joyce, intitulada *Do uso lógico do sintoma ou Freud com Joyce*, Lacan (1975-1976/2007) demonstra como o escritor irlandês injetou sua *alíngua* na língua inglesa, de forma a subvertê-la e assim inaugurar uma maneira singular de fazer literatura: “o sintoma é puramente o que alíngua condiciona, mas de certa maneira Joyce o eleva à potência da linguagem” (Lacan, 1975-1976/2007, p. 162). O que Lacan demonstra é que Joyce, diante da carência da transmissão paterna, inscreve um nome próprio no campo da linguagem condicionado por sua *alíngua*, uma invenção singular para tratar o real da inexistência da relação sexual. Na época de uma presença legítima da psicanálise lacaniana, à fórmula geral reduzida ao axioma da não relação, é correlata outra expressão encontrada no seminário *O sintoma*: “não há Outro do Outro” (Lacan, 1975-1976/2007, p. 54). Não há metalinguagem que garanta a inserção do ser sexuado no laço social, no mundo de partilhas entre os seres falantes. É o que se encontra na base da passagem do Nome-do-Pai à sua pluralização.

### **A pluralização dos Nomes-do-Pai e a questão da nomeação**

“Ser nomeado’... está no princípio de toda inserção simbólica. Para Freud, o grande operador da inserção simbólica era o complexo de Édipo. Lacan reconhece esta estrutura como uma metáfora comandada pelo Nome-do-Pai”<sup>2</sup> (Miller, 2009/2011b, p. 10). Miller (2009/2011b) segue apontando que o Nome-do-Pai é um nome que confere, que designa os significantes mestres fundamentais, metáforas que organizavam a inscrição do sujeito no laço social em sociedades tradicionais, agindo como um contraponto ao desamparo, à desinserção estrutural do humano. Lacan (1973-1974) indica que, no curso de seus desenvolvimentos teóricos sobre a contemporaneidade, a função de nomeação se encontra multiplicada, expressa na conjunção “Nomear para...”, nomeado para um cargo, nomeado para uma função, nomeado para um certo lugar na organização social, significantes que podem funcionar para um determinado falasser como significante que agencia a lógica discursiva. A pluralização dos Nomes-do-Pai, percurso que apresentaremos a seguir, traz a reboque uma pluralização das formas de suplência, de amarração da estrutura além da amarração borromeana típica da neurose. As diversas soluções visam operar uma substituição a partir do elemento que falta na estrutura, com função de limitar, de localizar o gozo e permitir uma resposta ao encontro traumático com *alíngua*, e até mesmo representar o enganche do ser falante no laço social.

Maleval (2000) aponta que a inconsistência do Outro e suas possibilidades de multiplicação já estavam presentes de forma discreta no grafo do desejo, apresentado por Lacan na década de 1950. Neste contexto, no lugar em que se encontra o gozo, Lacan introduziu o matema  $S(\bar{A})$ , representando a falta de um significante essencial no campo do Outro, o que denuncia um buraco, um vazio. Mas

destaca que será na única aula do seminário interrompido, *Os Nomes-do-Pai* (1963/2005), que podemos encontrar exposta de forma clara a intensão de Lacan em demonstrar a inconsistência do Outro. Esse passo não permite mais concernir o pai como um modelo universal que localize a conjunção do desejo com o gozo. Salieta ainda que será necessário um tempo a mais até que Lacan, nos textos e seminários proferidos na década de 1970, radicalize essa inconsistência e conseqüentemente faça surgir uma nova ótica da parceria analítica na clínica de hoje: o analista parceiro-sintoma das soluções singulares.

Em 20 de novembro de 1963 Lacan ministrará a única aula do seminário programado para o ano letivo, ao qual tivera anunciado sob o título *Os Nomes-do-Pai* (Lacan, 1963/2005). O seminário interrompido começa com o comunicado de que na noite anterior ele teria sido avisado de sua exclusão da lista de pessoas que exerciam a função de analista didata na IPA – Associação Internacional de Psicanálise. Situação que o levou ao rompimento com esta instituição e, em seguida, à fundação de sua Escola, onde a retomada do seu ensino, chamado por ele de retorno à Freud, fez com que interrompesse o seminário proposto. Em 1964, ele retomou suas exposições com a proposta de trabalhar *Os quatro conceitos fundamentais em psicanálise* (Lacan, 1964/1985b). Lacan sabia que a passagem do Nome-do-Pai aos Nomes-do-Pai, incidindo mais ainda no estatuto do Outro, traria mais abalos no universo psicanalítico, uma posição herege, tal como a de seu posicionamento diante questões institucionais com as quais ele debatia em seu tempo. Miller (Lacan, 1963/2005, p. 92) destaca essa percepção a partir da conferência realizada por Lacan no Instituto Francês de Nápoles em 1967, durante a qual Lacan afirmara:

Esse lugar do Deus-Pai é aquele que designei como Nome-do-Pai e que me propus ilustrar no que deveria ser meu décimo terceiro ano de seminário (o décimo primeiro em *Saint-Anne*)... Nunca mais retomarei esse tema, vendo nisso o sinal de que esse lacre ainda não deve ser retirado para a psicanálise. (Lacan, 1967/2003, como citado em Lacan, 1963/2005).

Lacan orienta nessa única aula o percurso que o levou a construir a proposição da passagem do Nome-do-Pai à sua pluralização, rumo aos Nomes-do-Pai. O primeiro elemento destacado é o conceito de metáfora paterna, desenvolvido a partir do seminário de número três, sobre as psicoses (Lacan, 1955-1956/1985a), e do seminário de número quatro, *As relações de objeto* (Lacan, 1956-1957/1995), ganhando sua forma no texto *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* (Lacan, 1958/1998b). A leitura do Édipo freudiano é realizada por Lacan enquanto uma operação do campo da linguagem, enquanto uma metáfora. O significante fundamental, o Nome-do-Pai, é um elemento que propicia articular o desejo da mãe para além do gozo, rumo à constituição do próprio desejo estabelecido pelo interdito, pela introdução da falta. Trata-se, pois, de um ato de nomeação.

Brousse (2010/2011) destaca que, até o seminário de número dezessete, *O avesso da psicanálise* (Lacan, 1969-1970/1992), os três mitos freudianos – Édipo, Moisés e Totem e Tabu – são considerados variantes de um mesmo mecanismo, responsável por engendrar a estrutura. A metáfora

paterna introduzia a função do Pai como representante do ideal do eu, no qual o falo comportaria o estatuto de significante da lei, ordenador do campo do desejo e do gozo. Esse processo teria a função de instaurar a ordem simbólica, resultado da constituição de um significante fundamental, que jaz na origem destes mitos, cito Lacan: "Trata-se do que chamo de Nome-do-Pai, isto é, o pai simbólico. Esse é um termo que subsiste ao nível do significante que, no Outro como sede da lei, representa o Outro... O pai morto é o Nome-do-Pai" (Lacan, 1957-1958/1999, p. 152).

Já em meados de 1969, quando se perguntara para que serve o Édipo, Lacan articulava o pai vivo como agente real, mais precisamente, como efeito de linguagem, que permitiria a criação de sentido como tratamento do real. Não é o pai que condiciona a linguagem, mas antes a linguagem que dá causa a que Um pai se constitua no plano simbólico (Lacan, 1969-1970/1992). Para além do pai morto, Lacan aponta para as coordenadas do desejo: o pai não apenas interdita o gozo, mas o sanciona, sendo ele mesmo a condição de gozo. Ele engendra o aparelhamento do gozo à linguagem e permite a articulação do desejo na estrutura da fantasia.

Outra indicação feita por Lacan na introdução da única aula do seminário interrompido foi acerca do seminário de número nove, *A identificação* (Lacan, 1961-1962), especificamente sobre a lógica do nome próprio citando o paradoxo de Bertrand Russell. Para compreender esse paradoxo, cabe retomar Gottlob Frege, que estabeleceu os princípios essenciais para compreender o funcionamento psíquico na atualidade. Para ele, a matemática deveria ser pensada pela via da lógica e explicada a partir de axiomas, de proposições. Georg Cantor utilizou dessa premissa para constituir as bases da Teoria Geral dos Conjuntos. Mas a ideia de conjunto por via dos axiomas ocasionou o aparecimento de inúmeros paradoxos, dos quais Russell ocupou-se, vindo a elaborar a Teoria das descrições definidas. Esta consistia em conceber que uma proposição dita definida (ex.: "Platão, o maior discípulo de Sócrates") representaria ao mesmo tempo uma proposição singular e uma proposição categórica, aglutinação denominada por ele de nomes lógicos próprios. Mas, a teoria de Russell gerava um problema de ordem autorreferencial, ou seja, os axiomas expunham uma contradição interna, sem que por isto representassem falha do ponto de vista lógico. Um exemplo de paradoxo autorreferencial pode ser observado ao escrever numa folha de papel de um lado: "A sentença do outro lado do papel é falsa"; e do outro lado da folha: "A sentença do outro lado é verdadeira". A contradição presente neste paradoxo expõe uma indecidibilidade. Kurt Gödel propôs o Teorema de Incompletude em que, ao contrário de centrar-se na solução do problema dos paradoxos visando consistências lógicas, reafirmou que na emergência dos nomes lógicos próprios de Russell somos levados a incorporar a inconsistência como um princípio inato da lógica moderna. O Princípio de Tolerância em matemática, desenvolvido pelo brasileiro Newton da Costa, demonstra essa nova concepção, em que, do ponto de vista sintático e semântico, toda teoria seria aceitável a partir da lógica, se não fosse trivial, ou seja, se comportasse um sistema lógico capaz de responder às questões para as quais foi criado: uma lógica interna capaz legitimar um funcionamento singular. (D'Ottaviano & Feitosa, 2003; Checchia, 2004; Miller, 1983/1998a)

Lacan define o nome próprio como função de nomeação, que se assenta na lógica significante



em seu estado puro. Nas palavras de Lacan:

o nome próprio é algo que vale pela função distintiva de seu material sonoro... é um traço distintivo... porquanto unicamente ele não é o que os outros são... o uso de uma função do sujeito na linguagem, aquela de nomear por seu nome próprio. (Lacan, 1961-1962, s/p).

O nome próprio está articulado neste seminário ao ato de enunciação, que Lacan chama de "nomenclatura latente", um primeiro núcleo significante, um traço "do coração falante do sujeito que chamamos de inconsciente" (Lacan, 1961-1962). Tal como aponta Miller, "a singularidade é uma categoria lógica, mas está também nos limites da lógica." (Miller, 2008-2009/2011a, p. 88).

### **Nominação, sinthoma e laço social**

Brousse (2009[2008]/2014) destaca que a introdução da teoria dos discursos, no início da década de 1970, permitiu conceber melhor as mudanças no laço social contemporâneo. Em sua primeira elaboração, o Discurso do Mestre se sustenta a partir do Nome-do-Pai como significante fundamental, agente que comanda a lógica discursiva. Se no seminário de número dezessete, (Lacan, 1969-1970/1992) encontramos o ponto máximo do estruturalismo lacaniano na teoria dos discursos. Constatamos que a introdução do conceito de semblante no seminário de número dezoito, *De um discurso que não seria de semblante* (Lacan, 1971/2009), no lugar antes dedicado ao agente, insere uma ruptura significativa, tal como destaca Brousse (2010/2011), na disjunção entre o mito de Édipo e o mito de Totem e Tabu. Ou seja, ao tratar o Significante Mestre, *S1*, como um elemento cambiável para além do Nome-do-Pai, sendo não o discurso um semblante, mas sim o significante, Lacan caminha pelas vias de acesso à pluralização dos elementos que podem ocupar a função de organizar o discurso no laço social, já que "um discurso é uma maneira de organizar o gozo, de colocá-lo em circulação" (Brodsky, 2008, p. 173). Como aponta Miller, a construção do

último ensino de Lacan consiste em dar-se conta de que a ordem simbólica, da qual em seu primeiro ensino ele fazia a mola e a estrutura da experiência analítica daquilo que Freud chamava de psiquismo, essa ordem simbólica é do registro da ficção. Em outros termos: o significante é semblante. (Miller, 2008-2009/2011, p. 165).

A questão do nome ressurgirá em Lacan no seminário de número vinte e um, *Les non-dupes errent* (Lacan, 1973-1974) a partir do sintagma nomear-para (*nommer-à*). Aqui, o conceito de Nome-do-Pai, tal como apresentado no início de seu ensino, estaria foracluído por estrutura, ampliando sua noção para além da neurose em suas relações com o pai e a lei. Em suas palavras, "Nome-do-pai se substitui, uma função que não é outra que a de nomear-para. Este nomear-para qualquer coisa, é aqui o que desponta em uma ordem que se vê efetivamente substituir o Nome-do-Pai"<sup>2</sup> (Lacan, 1973-1974). Ele avança, sugerindo que na contemporaneidade, cito Lacan, "a mãe geralmente basta por si só para

designar seu projeto, para efetuar seu traçado, para indicar seu caminho.”<sup>2</sup> (Lacan, 1973-1974). Marie-Helene Brousse destaca essa passagem, afirmando que “passamos do Nome-do-Pai como função para aquela da nomação (*nommer-à*) que vem no lugar anteriormente ocupado pela função Nome-do-Pai” (Brousse, 2009[2008]/2014, p. 269).

Brousse (2009[2008]/2014) relata o caso de um juiz cuja carreira era destacada na França, que ao ser interrogado sobre os ditos maternos, destacava que a mãe, ao se dirigir ao filho diante dos episódios de insensatez pueril, fazia questão de afirmar que daquela maneira ele não entraria para a corte do Estado. Marca que determina seu destino. Outro caso interessante é citado por Maleval (2003), o caso de Fulmen Cotton, que desde os ditos advindos da sua formação familiar religiosa, anuncia, após realizar sua primeira comunhão, a ideia fixa de tornar-se papa, certeza que o teria acompanhado ao longo de sua existência.

Faz-se necessário pontuar que o conceito de psicose ordinária, cunhado por Miller (1998/2012), se insere num projeto de investigação sobre o laço social na atualidade. Brousse (2009[2008]/2014) esclarece que Lacan indica uma relação possível de nomação advinda do desejo materno, ocupando a função de semblante que engendra e articula um discurso, nomeando alguma coisa para algum lugar, que prescinde do interdito do Nome-do-Pai ocupando hoje a função antes destinada a este. Nos termos de Lacan no *Seminário 21*:

É muito estranho que aqui o social assuma uma prevalência de nó, e que literalmente produza a trama de tantas existências. Ele mantém esse poder de nomear-para a ponto de que, depois de tudo, se restitua com ele uma ordem, uma ordem que é de ferro.<sup>2</sup> (Lacan, 1973-1974).

Ao investigarmos as novas configurações do imaginário hoje, partimos da hipótese de que o Ideal do eu não se constituiria mais como único referencial da instância reguladora do laço social, o que exige a transposição do Supereu para a noção de *supersocial*, nos termos de Coelho dos Santos, Santiago e Martello (2014), novos modos de regulação dos corpos.

Lacan (1974-1975) faz um deslocamento do significante nomear-para em direção a um novo termo: nomação. Esse termo é definido como um quarto elemento, um quarto nó, cuja função é enodar os três registros. Esse quarto nó não é constituído apenas por uma modalidade, retomando assim a noção de pluralização dos Nomes-do-Pai. Ele organiza em três modalidades – a nomação do Simbólico, a nomação do Imaginário e a nomação do Real. Alguns autores têm contribuído para elucidar esta proposição lacaniana, suas relações com as estruturas e tipologias. Dafunchio (2013), por exemplo, interpreta que as nomações, sendo equivalentes às identificações, permitem verificar o enodamento borromeano na neurose, e seus tipos, a partir da articulação que Lacan faz com a inibição, o sintoma e a angústia: a nomação imaginária (Ni) enoda os três registros pela inibição, concernindo à neurose obsessiva; a nomação simbólica (Ns), via sintoma, é típica da histeria; e a nomação real (Nr), relativa à angústia, nos permite compreender a fobia (Dafunchio, 2013, pp. 222-23).

O tema da nomação é desdobrado no seminário de número vinte e três, *O sinthoma* (1975-1976/2007), por outras modalidades de amarração que as anteriormente citadas, ampliando a leitura borromeana para além das neuroses, para modalidades não-borromeanas de enlace. Nesse contexto, o quarto nó da estrutura borromeana antes chamado de nomação encontra o termo sinthoma. Lacan interroga a função da invenção, da arte, da escrita, da produção de cada um na tessitura de um novo uso do termo sintoma, agora grafado com *th*. Quando aborda o caso de James Joyce, opera uma inversão de perspectiva: do olhar sobre a transformação artesanal do mundo exterior, para um olhar sobre a transformação do próprio artesão no seu fazer, na arte do qual é capaz, e na qual empenha sua libido. Nos diz: "Ele escreve isso. O que ele escreve é consequência do que ele é... Quando se escreve podemos muito bem tocar o real, mas não o verdadeiro." (Lacan, 1975-1976/2007, p. 77). Trata-se de uma escrita singular na tentativa de nomear o que manca, o que rateia. Do mesmo modo, alguns autores avançam elucidando as mais diversas modalidades de enodamento, tal como Skriabine (2006) e seu exercício de construção de uma clínica diferencial intra-psicoses.

### **Clínica e psicopatologia**

Acompanhando o percurso que descrevemos neste trabalho das primeiras elaborações de Lacan até seu último ensino, verificamos que os índices da solução sintomática diante da não existência da relação sexual são múltiplos, variados. Joyce escreveu seu nome na literatura inglesa e endereçou sua obra, sua subversão da língua, aos estudantes universitários, inscrevendo a si próprio no laço social. Nos termos de Lacan: "Só se é responsável na medida de seu *savoir-faire*. Que é o *savoir-faire*? É a arte, o artifício, o que dá à arte da qual se é capaz um valor notável." (Lacan, 1975-1976/2007, p. 59) Ao retomarmos o campo da psicopatologia, cabe nos dedicarmos sobre os efeitos da passagem do Nome-do-Pai aos Nomes-do-Pai na prática diagnóstica em psicanálise.

Cottet (1999) distingue dois momentos da clínica lacaniana: uma clínica descontinuísta e uma clínica continuuísta. A clínica descontinuísta corresponderia à noção de sintoma, fundamentada a partir da estrutura simbólica que se organiza na referência a um significante fundamental (ou por sua ausência), o Nome-do-Pai. Já a clínica continuuísta introduz uma plasticidade nas soluções singulares. Essa concepção corresponde à noção de sinthoma, oriunda das infinitas versões do pai, ou em outras palavras, maneiras singulares de tratar o real e o imaginário pelo simbólico. Nesse sentido, o paradigma clássico muda, não sendo, entretanto, relegado ao desuso, mas incorpora uma fineza clínica que esteja atenta às soluções singulares que engendram enganches *suis genesis* no laço social, modos de aparelhar e tratar o gozo de alíngua.

Acreditamos, portanto, que a psicanálise é tributária de duas concepções, a da experiência e a da clínica, como apontava Leda Guimarães (2007, p. 1): "a psicanálise consiste nessa articulação entre o real da experiência e a teoria relativa a este real". Tal como também sustenta Coelho dos Santos (2002, 2012), argumentando que a psicanálise participa de duas concepções do real: de um lado o real da clínica psicanalítica, mortificado pelo significante ou elementarizado pelo objeto *a*, ou seja, passível

de formalização através de certas particularidades; de outro lado, o real da experiência analítica, que traz a marca irredutível e intransmissível da singularidade, do modo de gozar de cada falasser. O fundamento do real nestas duas concepções, o da clínica e o da experiência, seria, entretanto, o mesmo: o real enquanto impossível, fruto do desamparo estrutural na natureza humana.

Maleval (2008) demonstra essa tensão existente no interior de nosso campo, na passagem da clínica descontinuísta à clínica continuísta, favorece o vigor das estruturas clínicas na passagem do conceito de sintoma ao conceito de *sinthoma*. Para ele, a existência de diferentes formas de *sinthoma* não invalida a organização das estruturas clínicas. A noção de estrutura se reencontraria na noção de *sinthoma*, ao considerar sua função de tratar o real e de localizar o sujeito no laço social. Maleval supõe modalidades distintas de *sinthoma*, ou de amarração subjetiva: o *sinthoma-desabonado-do-inconsciente* nas psicoses, cujo paradigma é Joyce; o *sinthoma-erótico* nas neuroses; o *sinthoma-fetichismo* na perversão, etc. Nessa perspectiva, teríamos modalidades de enganche singulares no laço social, conservando lógicas internas em cada estrutura clínica.

As configurações contemporâneas das apresentações sintomáticas, em tempos de desvanecimento do Outro, nos convidam a uma clínica que vai além da estrutura ou da tipologia, uma clínica que acolha as soluções singulares de localização do gozo, propondo tratar a doença como o próprio remédio, uma clínica da responsabilidade por seu sintoma (Coelho dos Santos, 2005). Especialmente no que tange à estabilização psíquica, tendo como horizonte a diferença apontada no seu último ensino entre as soluções borromeanas e as soluções não-borromeanas (Maleval, 2019).

Observamos que algumas identificações sociais são cirurgicamente positivas, tal como indica Miller (2009/2010b), demonstrando que a incorporação e adesão às mais diversas discursividades dos grupos identitários poderiam constituir para alguns sujeitos efeitos de nomeação e estabilização. A pluralização dos Nomes-do-Pai, traz a reboque uma pluralização das formas de suplência, de amarração da estrutura além da amarração borromeana da neurose. As diversas soluções visam operar uma substituição a partir do elemento que falta na estrutura, com função de limitar, de localizar o gozo e permitir uma resposta ao encontro traumático, e até mesmo representar o enganche do sujeito no laço social. Lacan, ao revisitar a clínica estrutural na perspectiva do último ensino, ao realizar o percurso que opera uma passagem do Nome-do-Pai aos Nomes-do-Pai, revigora o fazer do analista diante das novas exigências da civilização. Especialmente no que tange à estabilização psíquica, uma clínica das suplências diante o real.

Maleval (2003) esclarece que o conceito de suplência em Lacan pode ser compreendido num primeiro momento a partir da referência à forclusão do significante Nome-do-Pai. Na década de 1950, ele aparece descrito como compensação imaginária que impede a ruptura precoce na psicose, via imagens identificatórias, em suas palavras, "por uma série de identificações puramente conformistas" (Lacan, 1955-1956/1985a, p. 232). Também podemos encontrar o termo suplência neste mesmo contexto, enquanto compensação psicótica na referência ao mecanismo proposto por Helene Deutsch (1942), denominado como personalidade *como se*, na qual encontramos a imitação, a emulação, o

mimetismo do comportamento de pessoas próximas, diante do empobrecimento ou ausência de referências no mundo interno, como um modo de "compensação imaginária do Édipo ausente", nas palavras de Lacan (1955-1956/1985a, p. 218).

O conceito de suplência só passará a definir um mecanismo mais amplo, para além da clínica das psicoses, a partir do final do ensino lacaniano: como modos singulares de enlaçar os três registros na cadeia borromeana, como mencionado em 1976 acerca de sua leitura sobre o escritor irlandês James Joyce: uma "compensação pelo sinthoma" (Lacan, 1976-1977) diante de uma falha estrutural do Outro. Se Lacan apresenta a disjunção dos três registros como estruturalmente marcada pela forclusão generalizada, o termo suplência também deve ser generalizado, indicando um trabalho de tecitura, de solução, via um quarto nó, dos registros do real, do simbólico e do imaginário, não apenas na clínica da psicose, mas concernindo a todo ser falante. Essa renovação da clínica por Lacan implica considerar os pontos de ruptura no enodamento da estrutura, e por outro, detectar os meios pelos quais essa falha será compensada, sugerindo uma nova clínica diferencial baseada na evidência dos rateios do nó e das suplências correspondentes, como orienta Maleval (2003).

### **Considerações finais**

Procuramos ao longo de nossa argumentação, debater algumas perspectivas da clínica contemporânea e do campo da psicopatologia no contexto do laço social hoje, tomando como base as mudanças conceituais em Jacques Lacan sobre o Nome-do-Pai e as incidências sobre a noção de suplência no seu último ensino. Entendemos que a renovação da clínica em Lacan revigora a psicopatologia na lógica borromeana e orienta a prática do psicanalista na clínica do Real. Um movimento que caminha na contramão da despatologização generalizada. A psicanálise é tributária da psicopatologia, e sua clínica é a essência de sua existência.

No que tange às soluções identitárias, se por um lado, para alguns, elas podem servir como solução singular, operando como uma vertente positiva das identificações imaginárias, que podem estabilizar um funcionamento psíquico, e ao mesmo tempo contribuem para redução dos estereótipos e para ampliação de direitos jurídicos; de outro lado cabe alertarmos para o risco de homogeneização das diferenças nos arranjos coletivos, suprimindo exatamente a condição singular de cada ser falante. Nesta perspectiva, é preciso estarmos atentos aos efeitos do discurso capitalista, onde vemos emergir a mercantilização dos corpos capturados pelo universo das imagens. Novas identidades, novos mercados, uma lógica que pode apagar a experiência individual, transformando a dimensão subjetiva em modalidades capitalistas de vínculo social reduzidas ao seu valor de mercado.

### **Notas**

1. Jacques-Alain Miller introduziu essa questão na conversa com a Escola Lacaniana de Psicanálise por ocasião da apresentação de seu livro *Polêmica política* em 2 de maio de 2021, como é possível ver em <https://www.youtube.com/watch?v=O-wi1rmWmGo>. No Brasil, por exemplo,

verificar o Despatologiza Movimento pela Despatologização da Vida (<https://www.despatologiza.com.br/>) e a Carta de Campinas, de 2017.

2. Tradução nossa.

### Referências Bibliográficas

- Abreu, D. N. (2017). Psicopatologia e soluções identitárias: efeito das reconfigurações do imaginário na contemporaneidade. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 12(24), 113-122. Recuperado de [http://www.isepol.com/asephallus/numero\\_24/pdf/10-psicopatologia\\_e\\_solucoes\\_identitarias.pdf](http://www.isepol.com/asephallus/numero_24/pdf/10-psicopatologia_e_solucoes_identitarias.pdf) . doi: [10.17852/1809-709x.2019v12n24p113-122](https://doi.org/10.17852/1809-709x.2019v12n24p113-122)
- Abreu, D. N. (2019). Nos limites das estruturas: novas configurações do imaginário e os borderlines. In T. Coelho dos Santos, A. L. Santiago, & F. L. G. Oliveira (Orgs.). *Reconfigurações do imaginário no Século XXI* (pp. 159-181). Curitiba: CRV.
- Ansermet, F. (2013). *As Promessas do DSM V*. Recuperado de <http://noseocorpo.files.wordpress.com/2013/09/as-promessas-do-dsm-v.pdf>
- Briole, G., Lebigot, F., Lafont, B., Favre, J-D., & Vallet, D. (1994, junho). Le Traumatisme psychique : rencontre et devenir. *92e Congrès de psychiatrie et de neurologie de langue française*, Toulouse, França.
- Brodsky, G. (2008). O homem, a mulher e a lógica. In *Latusa: O semblante e a comédia dos sexos*, 13, 171-192. Rio de Janeiro: Contracapa.
- Brousse, M-H. (2011). Quelle éthique de la psychanalyse dans le dernier enseignement de Lacan? La dupe et les non dupes. *Quarto*, 98, 52-61. (Texto original de 2010).
- Brousse, M-H. (2014). A psicose ordinária à luz da teoria lacaniana do discurso. In T. Coelho dos Santos, J. Santiago, & A. Martello (Orgs.). *Os Corpos Falantes e Normatividade do Supersocial* (pp. 259-280). Rio de Janeiro: Ed. Cia de Freud. (Texto original de 2009[2008]).
- Checchia, M. A. (2004). Considerações iniciais sobre lógica e teoria lacaniana. *Revista de Psicologia da USP*. 15(1/2), 321-338. São Paulo: USP.
- Coelho dos Santos, T. (2002). O analista como parceiro dos sintomas inclassificáveis. *Latusa*, 7, 153-68.
- Coelho dos Santos, T. (2005). A psicopatologia psicanalítica de Freud a Lacan. *Pulsional – Revista de Psicanálise*. ano XVIII, 184, 74-76. São Paulo: Escuta.
- Coelho dos Santos, T. (2008a). Sobre os finais de análise: sexuação e invenção. *Tempo psicanalítico*, 40(1), 105-120.
- Coelho dos Santos, T. (2008b). Sobre os princípios da psicopatologia psicanalítica: sexuação e invenção. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 11(1), 55-68.
- Coelho dos Santos, T. (2009). Sobre a clínica da psicanálise de orientação lacaniana: dos impasses da sexuação à invenção do parceiro-sinthoma. *Ágora - Estudos em Teoria Psicanalítica*, 12(1), 9-26.
- Coelho dos Santos, T. (2010). A dimensão real da desinserção na ordem simbólica. *Revista aSEPHallus*

- de *Orientação Lacaniana*, 6(11), 113-122. Recuperado de [http://www.isepol.com/asephallus/numero\\_11/artigo\\_01\\_revista11.html](http://www.isepol.com/asephallus/numero_11/artigo_01_revista11.html)
- Coelho dos Santos, T. (2012). Existe uma nova doutrina da ciência na psicanálise? In T. Coelho dos Santos, J. Santiago, & A. Martello (Orgs.). *De que real se trata na clínica psicanalítica? Psicanálise, ciência e discursos da ciência* (pp. 35-61). Rio de Janeiro: Cia. de Freud.
- Coelho dos Santos, T. (2016a). O outro que não existe: verdade verídica, verdades mentirosas e desmentidos veementes. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica [online]*, 19(3), 565-604. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/agora/a/B86N3Dx33DDqGCc5z5h5CYb/abstract/?lang=pt> doi: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982016003011>
- Coelho dos Santos, T. (2016b). Desmentido ou inexistência do Outro: a era da pós-verdade. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 11(22), 4-19. Recuperado de [http://www.isepol.com/asephallus/numero\\_22/pdf/2-Desmentido\\_ou\\_inexistencia\\_do\\_Outro.pdf](http://www.isepol.com/asephallus/numero_22/pdf/2-Desmentido_ou_inexistencia_do_Outro.pdf). doi: 10.17852/1809-709x.2019v11n22p04-19.
- Coelho dos Santos, T., Santiago, J., & Martello, A. (Orgs.). (2014). *Os Corpos Falantes e Normatividade do Supersocial*. Rio de Janeiro: Ed. Cia de Freud.
- Cottet, S. (1999). L'hypothèse continuiste dans les psychoses. *L'Essai*, 2, 9-16. Paris: Université Paris VIII.
- Dafunchio, N. S. (2013). *Dois Seminários*: 1. Clínica da sexualização. 2. Inibição, Sintoma e Angústia: uma clínica nodal das neuroses. Salvador: IPB.
- Deutsch, H. (1942). Some forms of emotional disturbance and their relationship to schizophrenia. *Psychoanalytic Quarterly*, 11, 301-321.
- D'Ottaviano, Í. M. L., & Feitosa, H. A. (2003). Sobre a história da lógica, a lógica clássica e o surgimento das lógicas não-clássicas. *Página Educacional do Cle. Campinas: UNICAMPO [Site]*, pp. 1-34. Recuperado de <ftp://ftp.cle.unicamp.br/pub/arquivos/educacional/ArtGT.pdf>
- Freud, S. (1996a). Carta 52. In J. Salomão (Trad.) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 287-293). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1896).
- Freud, S. (1996b). O inconsciente. In J. Salomão (Trad.) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 165-222). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (1996c). Projeto para uma psicologia científica. In J. Salomão (Trad.) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 355-466). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950[1895]).
- Freud, S. (2011). *Obras completas - Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923)* (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921).
- Guimarães, L. (2007). Como formalizar um caso clínico. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*,

- 3(6). Recuperado de [http://www.isepol.com/asephallus/numero\\_06/artigo\\_04.htm](http://www.isepol.com/asephallus/numero_06/artigo_04.htm)
- Lacan, J. (1961-1962). *O Seminário livro 9: a identificação*. Inédito.
- Lacan, J. (1973-1974). *O seminário Les non-dupes errent*. Inédito.
- Lacan, J. (1974). *A terceira*. Inédito.
- Lacan, J. (1974-1975). *O Seminário livro 22: RSI*. Inédito.
- Lacan, J. (1976-1977). *O Seminário livro 24: L'insu-que-sait de l'une-bévue s'aile à mourre*. Inédito.
- Lacan, J. (1985a). *O Seminário livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1955-1956).
- Lacan, J. (1985b). *O Seminário livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lacan, J. (1985c). *O Seminário livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-1973).
- Lacan, J. (1992). *O Seminário livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970).
- Lacan, J. (1995). *O Seminário livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1956-1957).
- Lacan, J. (1998a). Função e campo da fala e da linguagem. In *Escritos* (pp. 238-324). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1953).
- Lacan, J. (1998b). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In *Escritos* (pp. 537-590). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1958).
- Lacan, J. (1999). *O Seminário livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-1958).
- Lacan, J. (2001). Abertura da seção clínica. *Opção lacaniana*, 30, 06-09. (Trabalho original publicado em 1977).
- Lacan, J. (2005). *Os Nomes do Pai*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1963).
- Lacan, J. (2007). *O Seminário livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1975-1976).
- Lacan, J. (2009). *O Seminário livro 18: de um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1971).
- Lacan, J. (2011). *Estou falando com as paredes: conversas na Capela de Sainte-Anne*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1971-1972).
- Lacan, J. (2012). *O Seminário livro 19: ...ou pior*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1971-1972).
- Laurent, É. (2000). O que as psicoses ensinam à clínica das neuroses. *Curinga nº 14 – Há algo de novo nas psicoses*. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise – MG.
- Maleval, J-C. (2000). *La forclusion du nom-du-père*. Paris: Seuil.
- Maleval, J-C. (2003). Elements pour une apprehension clinique de la psychose ordinaire. *Séminaire de*



- la Découverte Freudienne.* Recuperado de [https://www.psychanalyse.com/pdf/psychose\\_ordinaire\\_apprehension\\_clinique.pdf](https://www.psychanalyse.com/pdf/psychose_ordinaire_apprehension_clinique.pdf)
- Maleval, J.-C. (2008). Conversación con Jean-Claude Maleval. *Virtualia*, 18. Buenos Aires: Grama.
- Maleval, J.-C. (2019). *Repères pour la psychose ordinaire*. Paris: Navarin Éditeur.
- Melman, C. (2003). *O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço*. Rio de Janeiro: Cia de Freud.
- Miller, J.-A. (1998a). Psicanálise e lógica. In J.-A. Miller. *Lacan Elucidado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1983).
- Miller, J.-A. (1998b). *O osso de uma análise*. Salvador: EBP-BA.
- Miller, J.-A. (2005). *El Otro que no existe y sus comités de ética*. Seminario en colaboración com Éric Laurent. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1997-1998).
- Miller, J.-A. (2010a). *Perspectivas do Seminário 23 de Lacan: O sinthoma*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 2006-2007).
- Miller, J.-A. (2010b). Efeito do retorno sobre a psicose ordinária. In *Opção Lacaniana Online*, Ano 1. São Paulo: EBP. Recuperado de [www.opcaolacaniana.com.br/nranterior/numero3/texto1.html](http://www.opcaolacaniana.com.br/nranterior/numero3/texto1.html) (Trabalho original publicado em 2009).
- Miller, J.-A. (2011a). *Perspectivas dos Escritos e Outros escritos de Lacan: entre desejo e gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 2008-2009).
- Miller, J.-A. (2011b). Être nommé...Vers Pipol. *Quartô: revue de psychanalyse*, 98, 10-11. (Trabalho original publicado em 2009).
- Miller, J.-A. (2012). A psicose ordinária: a Convenção de Antibes (S. Laia, & M. d. C. D. Batista, Orgs., J. L. Gaglianoni, L. A. de Moraes, M. da G. Magalhães, & S. A. Grostein, Trans.). Belo Horizonte: Scriptum. (Trabalho original publicado em 1998).
- Miller, J.-A., & Milner, J.-C. (2006). *Você quer mesmo ser avaliado?* São Paulo: Manole. (Trabalho original publicado em 2003).
- Recalcati, M. (2005). Lignes pour une clinique des monosymptômes: anorexie, boulimie, dépression, attaquepanique. *La Cause Freudienne*, 61, 83-98.
- Skribine, P. (2006). La clinique différentielle du sinthome. *Quarto-Revue de psychanalyse*, 86, Bruxelles: ECF-ACF.

**Citação/Citation:** Abreu, D. N. (mai. 2021 a out. 2021). Clínica, psicopatologia e laço social hoje. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 16(32), 148-165. Disponível em [www.isepol.com/asephallus](http://www.isepol.com/asephallus). **Doi:** 10.17852/1809-709x.2019v16n32p148-165

**Editor do artigo:** Tania Coelho dos Santos

**Recebido/Received:** 01/04/2021 / 04/01/2021.

**Aceito/Accepted:** 16/04/2021 / 04/16/2021.

**Copyright:** © 2019 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.